

**MIKHAIL
BVLGAKOV
GARGANTA
DE AÇO
CONTOS
COMPLETOS I**

Introdução e tradução do russo por
Larissa Shotropa

Esta edição foi possível devido
ao programa Transcript de
apoio à tradução de literatura russa
da Fundação Mikhail Prokhorov



transcript



Índice

<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Introdução</i>	11
<i>Bibliografia</i>	31
Apontamentos de um jovem médico	35
A toalha com um galo	35
Baptismo com versão	49
A garganta de aço	59
A tempestade de neve	68
Trevas sobre o Egipto	82
O olho desaparecido	92
A erupção estelar	106
Morfina	125
Aventuras inéditas de um médico	163
A coroa vermelha	181
Uma história chinesa	191
A incursão	207

A boémia	219
Notas nos punhos.	229
Na noite de 2 para 3.	277
A semana de instrução	295
Uma sessão espírita.	303
Tratado sobre a habitação	315
Salmo	327
Quatro retratos	335
O lago de aguardente	345
N.º 13 – Casa Elpit-Rabcommuna	355
Eu matei	369
A primeira comuna infantil	385
Memórias.	393
Inquisição soviética	403
Corria o mês de Maio	415
Quarenta catedrais	421

Uma história chinesa

(Seis quadros em vez de um conto)

I

O RIO E O RELÓGIO

Era um chinoca maravilhoso, um verdadeiro representante açafreado do Império Celeste, na casa dos vinte e cinco, mas podia ter quarenta. Só o diabo o sabe! Parece-me que tinha vinte e três anos.

Ninguém sabe por que razão esse misterioso chinoca voou, como uma folha seca, vários milhares de verstás e caiu na margem do rio sob uma muralha com ameias e corroída. Tinha um gorro com orelhas hirsutas, um casaco de peles curto com uma costura descosida, umas calças acolchoadas rasgadas no traseiro e umas excelentes botas amarelas. Via-se que era um pouco torto no andar. Não tinha dinheiro nenhum, nem um centavo.

Um vento extremamente desagradável, hirsuto como o gorro, voava sobre a muralha com ameias. Bastava um olhar sobre o rio para uma pessoa se convencer de que era um rio estranho e diabolicamente frio. Atrás do chinoca havia uma linha de eléctrico vazia, à sua frente um bloco de granito poroso; atrás do granito, no declive, havia um barco com o fundo quebrado rachado, a seguir ao barco estava aquele maldito rio, para lá do rio novamente o granito e depois umas casas, casas de pedra, só o diabo sabe quantas. Desconhece-se por que motivo o estúpido rio corria mesmo no centro da cidade.

Depois de admirar as longas chaminés encarnadas e os telhados verdes, o chinoca virou o olhar para o céu. Bem, o céu era o pior de tudo. Muito cinzento, também muito sujo... e muito baixo, agarrando-se às cúpulas e lâmpadas que emergiam detrás da muralha, umas nuvens gordas rastejavam pelo céu cinzento, empolando os ventres. Este céu cinzento atingiu definitivamente o gorro do chinoca. Era absolutamente óbvio que, se não fosse agora, um pouco mais tarde iria cair desse céu a neve fria e húmida. Em geral, nada de reconfortante e bom poderia acontecer sob um céu como aquele.

— Oh, oh, oh — o chinoca resmungou qualquer coisa e, tristemente, acrescentou ainda umas palavras numa linguagem incompreensível.

Depois, semicerrou os olhos e logo lhe apareceu o sol redondo muito quente, uma estrada muito amarela poeirenta ao lado, como se tivesse uma parede dourada — o *gaoliang*⁽¹⁾, depois dois grandes carvalhos cuja sombra repousava esculpida sobre a terra gretada e o limiar de barro na *fanza*⁽²⁾. Ali estava ele, como em pequeno, agachado a mastigar uma panqueca muito saborosa, e com a mão esquerda livre acariciava a terra, quente como fogo. Queria muito beber água, mas estava com preguiça de se levantar e esperava enquanto a mãe não aparecesse de trás do carvalho. A mãe tinha uma canga com dois baldes e nos baldes havia água muito fria ...

O chinoca sentiu por dentro uma dor aguda e decidiu que iria de novo viajar pelos espaços imensos. Viajar, como? Comer, o quê? De qualquer forma. Chine-sa... *Deixa* no va-gã-ã-o ...

Ao virar da esquina de uma enorme massa com ameias, ouvia-se em alto som música de sinos. Os sinos balbuciavam indistintamente, com intermitência, mas mesmo assim era óbvio que pretendiam tocar bem e vitoriosamente uma qualquer melodia. O chinoca caminhou até à esquina e, olhando para longe e para cima, convenceu-se de

⁽¹⁾ Cereal, uma espécie de sorgo, semelhante ao milho. (N. T.)

⁽²⁾ Mansão isolada ou construção leve sem janelas, como um celeiro ou uma cabana grande. (N. T.)

que a música vinha de um relógio preto e redondo com ponteiros dourados, de uma torre alta cinzenta. O relógio tocou, tocou e calou-se. O chinoca suspirou profundamente, acompanhou com os olhos uma motocicleta a entrar directamente na torre, puxou mais o gorro e avançou numa direcção desconhecida.

II

O FUMO NEGRO. A SALA DE CRISTAL

À noite o chinoca estava longe, longe do relógio preto com a sua fantasia musical e das seteiras cinzentas. Nos arredores sujos, no segundo pátio da entrada de uma casa de dois andares, atrás da qual se abria logo de seguida um baldio coberto com faixas de neve cinzenta apodrecida e cacos de tijolo ruivo quebrado. No último quarto pequeno do corredor fedorento, atrás da porta forrada com farrapos de oleado, uma chama encarnada e sinistra queimava a lenha no fogão. Frente à portinhola com buraquinhos redondos de fogo, estava de cócoras um chinês muito idoso. Tinha cinquenta e cinco anos, ou talvez oitenta. O rosto assemelhava-se à casca das árvores, e os olhos, quando abria a porta, pareciam maus como os de um demónio, e quando os fechava tornavam-se tristes, afundados e frios. O chinoca sentou-se na colcha de retalhos gordurosa da cama dobrável afundada, onde viviam percevejos atrevidos e grandes, e observava, assustado e cauteloso, como balançavam e passeavam pelo tecto enegrecido pelo fumo as sombras vermelhas e pretas. De vez em quando torcia as omoplatas, metia a mão atrás da gola, arranhando furiosamente, e ouvia o que estava a contar o chinês idoso.

O velhote enchia as bochechas de ar, soprava para o fogão e esfregava os olhos com os punhos, quando o fumo acre os penetrava. Nesses momentos, a história interrompia-se. Depois, o chinês fechava a portinhola com estrondo, apagava-se na sombra e falava numa língua que só o chinoca percebia.

Das palavras do velho chinês decorria um quadro extremamente aborrecido e curto. Em russo seria assim: pão – não. Nenhum –

não. Próprio – com fome. Vender – não e não. Cocaína – pouca. Ópio – não. O velho e astuto chinês sublinhou especialmente a última notícia. Não há ópio. Ópio não há, não há. Desgraça, mas não há ópio. Aí os velhos olhos vesgos escondiam-se completamente nas fendas inclinadas das pálpebras e a chama do fogão não conseguia penetrar na sua profundidade misteriosa.

— O que há? — perguntou desesperadamente o chinoca, e moveu os ombros freneticamente.

— Há?

Havia, claro, alguma coisa, mas que era melhor recusar.

— Frio – há, a *cheká*⁽³⁾ apanhar – há. Esfaquearam no baldio por um pacote de cocaína. O miserável assassino tirou-o – o canalha que anda com Nástka.

O velhote apontou o dedo para a parede fina. O chinoca escutou e distinguiu um riso rouco de mulher como um assobio e um gorgolejar.

— Bagaço – há.

Assim foi a explicação do velho e, levantando a manga do casaco imundo, mostrou no antebraço amarelo, retorcido por veias nodosas, uma nova cicatriz oblíqua de três *verchóks*⁽⁴⁾. Notava-se que era o vestígio de uma faca finlandesa bem afiada. Ao ver a cicatriz rubra, os olhos do velho chinês ficaram toldados, o pescoço seco escureceu. Olhando para a parede, o velho resmungou em russo:

— Bandido – há!

Depois baixou-se, abriu a portinhola do fogão, enfiou na boca de fogo duas achas e, enchendo as bochechas, ficou parecido a um espírito chinês impuro.

Passado um quarto de hora, a lenha crepitava uniforme e poderosamente, e a chaminé preta começava a ficar vermelha. O calor inundou o pequeno quarto e o chinoca saiu do casaco de peles de carneiro, desceu da cama e agachou-se no chão. Com o calor, o velho chinês tornou-se mais bondoso e, encolhidas as pernas,

⁽³⁾ Comissão extraordinária de combate à contra-revolução e sabotagem; em russo: ЧК. (N. T.)

⁽⁴⁾ Antiga medida russa; 1 *verchók* corresponde a 4,4 cm. (N. T.)

sentou-se e continuou a tecer o seu discurso nebuloso. O chinoca pestanejava com as pálpebras amarelas, resfolegava de calor e, ocasionalmente, triste e perplexo, balbuciava perguntas. O velho resmungava. Para ele, para o velho – tanto fazia. Lenin – há. O mais importante – há muito. Burguês – não há, oh, não! Mas há Exército Vermelho. Muito – há. Música? Sim, sim. Música, porque Lenin. Na torre do relógio – fica, fica. Para além da torre – Exército Vermelho.

— Ir para casa? Não, oh, não. Salvo-conduto – não. Bom chinês fica quieto.

— Eu sou bom. Onde viver?

— Viver – não, não e não. Exército Vermelho – viver em toda a parte.

— *Vereme-lho* — sussurrou o chinoca, estupefacto, olhando para os buracos de fogo.

Passou uma hora. O crepitar calou-se e os seis buracos na portinhola do fogão olhavam como seis olhos vermelhos. O chinoca, nas sombras trémulas e no reflexo avermelhado, enrugado e envelhecido, rolava no chão e, esticando os braços para o velho, implorava qualquer coisa.

Passou uma hora, mais uma hora. Os seis buracos da porta cegaram e a doce fumarada negra era puxada para a pequena janela entreaberta. O espaço acima da porta estava tapado com trapos e o buraco da fechadura selado com cera suja. A lamparina de álcool agitava-se levemente no chão com uma chama fininha azul, e o chinoca estava deitado ao lado dela, já de casaco de peles. Segurava nas mãos um tubo amarelo de meio *arshin*⁽⁵⁾ com um dragão-lagarto estendido sobre ele. Na ponta de cobre, que parecia ser dourada, uma bolinha preta derretia num ponto rubro. Do outro lado da lamparina, em cima de um velho cobertor rasgado, estava deitado o velho e malvado chinês com um tubo amarelo igual. Também ao seu redor, como ao redor do chinoca, dissipava-se e pairava a fumaça negra que se arrastava para a janela.

⁽⁵⁾ Antiga medida russa; 1 *arshin* corresponde a 0,71 m. (N. T.)

Na madrugada, no chão, ao lado da língua de fogo que se extinguiu, avistavam-se vagamente duas filas de dentes arreganhados: uma, amarela e negra e a outra, branca. Onde estava o velho, ninguém sabia. Mas o chinoca vivia numa sala de cristal sob o enorme relógio que tocava a cada minuto, logo que os ponteiros dourados cumpriam uma volta. O toque despertava o riso no cristal, e saía então Lenin, muito alegre, vestido de casaco amarelo, com uma trança brilhante muito grande bem apertada e um chapelinho com um botão na nuca. Ele agarrava a ponta do ponteiro e dirigia-o para a direita, então o relógio tocava à esquerda, e quando o dirigia para a esquerda, os sinos soavam à direita. Depois de tocar os sinos, Lenin levou o chinoca à varanda para lhe mostrar o Exército Vermelho. Viver – na sala de cristal. Calor – há. Nastka – há. Nastka é de uma beleza impossível de descrever, andava pelo espelho de cristal e as suas perninhas nas botas eram tão pequenas que podiam esconder-se nas narinas. O bastardo da Nastka, o assassino, o bandido da faca finlandesa, tentou entrar na sala, mas o chinoca levantou-se, terrível e corajoso como um gigante, e brandindo a sua espada larga cortou-lhe a cabeça, que foi rolando para fora da varanda. O chinoca agarrou pelo colarinho o cadáver sem cabeça e atirou-o atrás dela. O mundo inteiro tornou-se simples e alegre, pois o tal canalha nunca mais pegaria na faca. Como recompensa, Lenin tocou para ele nos sinos uma melodia de estrondo e pendurou-lhe no peito uma estrela de diamantes. Os sinos puseram-se de novo a tocar e ergueram no chão de cristal uma plantação de *gaoliang* dourado, que tinha em cima o Sol redondo e quente e a sombra esculpida do carvalho. E a mãe caminhava, e os baldes na canga tinham água fresca.

III

NÃO HÁ SONHOS. HÁ A REALIDADE

Não se sabe o que aconteceu na casa de dois andares nos quatro dias que se seguiram. Sabe-se que no quinto dia o chinoca, envelhecido cinco anos, saiu para a rua suja, já não de casaco de

peles, mas num saco com uma estampilha preta nas costas «*tseikh*⁽⁶⁾ n.º 4712», e não com as luxuosas botas amarelas, mas com um calçado ruivo esburacado de onde espreitavam os grandes dedos vermelhos com unhas cor de pérola. Na esquina, por baixo do candeeiro torto, o chinoca olhou concentrado para o céu cinzento, acenou decididamente com a mão e, como um violino, cantou para si próprio:

— *Vereme-e-lhos...*

E caminhou numa direcção desconhecida.

IV CAMRADA CHINÊS

Dois dias depois, o chinoca viu-se numa tarimba de madeira num salão enorme com abóbodas semicirculares. Estava sentado, com os pés no calçado roto, pendurados como se estivesse no primeiro balcão e na plateia se amontoassem cabeças com e sem bigodes, de capacetes com umas estrelas enormes. O chinoca demorou muito tempo a observar os rostos sob as estrelas e, finalmente, sentindo que era necessário responder de alguma forma à atenção, começou por exhibir no rosto o melhor dos seus sorrisos de açafião e depois, com uma voz melodiosa e fina, disse tudo o que aprendera durante a medonha corrida desde o círculo de sol até à capital do relógio de sinos:

— Pão, deixe no vagão... *veremelho... chine-e-sa*, — e mais três palavras cuja combinação resultava num conjunto de efeito milagroso. Pela sua experiência, o chinoca sabia que a combinação de três palavras podia abrir as portas das *teplushkas*⁽⁷⁾, mas também lhe podia trazer umas pancadas duras na cabeça rapada. As mulheres fugiam dele, enquanto os homens agiam de modos muito diferentes: ora lhe davam pão ora, pelo contrário, sentiam o ímpeto de lhe

⁽⁶⁾ Armazém. (N. T.)

⁽⁷⁾ Vagão de carga, adaptado para transporte de pessoas. (N. T.)